

Educação e arte: ampliando a percepção para uma compreensão de mundo

Heloisa Carla Coin Bacichette

A educação permeia a vida e todos nós misturamos a vida com a educação. Dizer que a escola tem grande responsabilidade para com a educação das crianças e dos adolescentes não é nenhuma novidade. Mas, é preciso ter claro que a vida anda independentemente da escola. O que se vê, em muitos casos, é uma escola distanciada da vida, que tem dificuldades para trabalhar com a diferença, com o novo, com o conflito. E, muitas vezes, continua tratando o conhecimento como algo a ser acumulado pelo estudante, quase não dedicando tempo para o desenvolvimento do processo criativo e deixando de lado a educação integral do ser humano.

Etimologicamente, a palavra ensinar significa apontar signos. Quando o professor cria situações de aprendizagens a partir da experiência vivida por seus alunos, quando oportuniza um espaço na escola para o contato com a arte, para o exercício da imaginação, está possibilitando que eles construam sentidos e desenvolvam sua sensibilidade, capacidades e competências como processos integrados.

Segundo Silva(1983,P.57), o ensino escolar é uma prática social decidida e estabelecida pela sociedade moderna e fim de transmitir a cultura às novas gerações. Por isso, o acesso aos bens culturais, proporcionado por uma educação democrática pode representar o acesso a esses bens. Porém, é necessário que a escola compreenda que a arte faz parte da prática social.

Para que nossas crianças e jovens possam interagir com a sociedade, tornando-se agentes de transformação, é necessário investirmos em propostas para uma educação pela criatividade (formar homens criativos que saibam usar a imaginação). Assim como os seres vivos, as idéias têm um ciclo de vida e, portanto, a escola precisa criar situações que oportunizem ao aluno gerar novas idéias.

Educar é caminhar com o aluno, sabendo que o caminho é diferente para cada um. O ensino da arte aponta para a liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento e a arte. Porém, a escola tradicional não acredita na importância de abrir espaços para o contato com o imaginário e com o prazer.

Quando uma criança relata um fato, quando desenha, faz uma escultura, dramatiza um texto ou recita um poema, transmite - com isso - uma parte de si mesma e nos mostra seus sentimentos, pensamentos e sua visão de mundo.

Portanto, é compromisso da escola apresentar aos alunos alternativas para o encontro da inteligência com a fantasia, conforme enfatiza José (2007,p.24):

"A família e a escola têm o dever de abrir espaços variados para que a criança conviva com o Eros, com o imaginário, com o prazer e não com as lições de aprender para saber e para amanhã vencer na vida. Só uma visão lúdica e poética da vida permite equilíbrio, poder de imaginar e criar, ter saídas para os muitos problemas que viver representa, para se ter um pensamento crítico e valorizar a cultura e os bens comunitários".

Para Freire(1986, p.145), o professor, enquanto educador, está envolvido no projeto naturalmente estético. Segundo o autor, a educação é um momento artístico quando é um ato de conhecimento. O autor observa também que a ruptura criativa da educação passiva é um momento tão estético quanto político, porque exige que os alunos re-percebam sua compreensão anterior e que, junto com o professor, pratiquem novas percepções como aprendizes criativos:

"(...) O programa de estudo é tanto um roteiro quanto um currículo. A sala de aula é um palco pra representações, tanto quanto um momento de educação. Ela não é só um palco e uma apresentação e não só um modelo de pesquisa, mas também um lugar que tem dimensões visuais e auditivas. Lá ouvimos e vemos muitas coisas... em termos de substância verbal-completa Freire, penso em estetizar a sala de aula através de expressões vocais variadas. As vozes humanas falam de muitas maneiras- perguntas, afirmações, generalizações, especialidades, imagens , comédia, sarcasmo, mímica, sentimentalidade, etc. Quanto dessa substância aparece num curso? Quando aparece na comédia? Onde está o sentimento profundo?(...)"

Não é atribuição da escola formar artistas mas, sim, ser um espaço diferenciado, sensível, em cujo planejamento, se privilegie atividades que envolvam a expressão. Um lugar que valorize as relações afetivas no processo educativo e que leve o aluno à descoberta de si próprio e do mundo.

A questão é que o ensino tradicional tem muita dificuldade para executar

atividades que envolvam espaço para a divergência, crítica e assuntos que ninguém pode ensinar, conforme aponta Silva(1983,p.48):

“ Todos os indivíduos, dentro de um clima de liberdade e sem restrições de ordem social, têm a possibilidade de abordar originalmente a realidade e desenvolver suas potencialidades de forma crítica e criativa. Em outras palavras, a iniciativa criadora é natural do ser humano, do contrário seríamos impedidos de produzir história e cultura- o problema é que o contexto social onde vivemos privilegia a monotonia, o autoritarismo, a rigidez e o conformismo(veja-se, por exemplo, o tipo de educação, presente nas escolas brasileiras).É por isso mesmo que afirmamos a necessidade da conquista da liberdade para a sociedade brasileira- é dentro de um clima de liberdade que a imaginação e o conhecimento tem a possibilidade de se desenvolver”.

É evidente que nossa prática de educadores é um desafio, implica em correr riscos pois o desconhecido, o que pode surpreender, desacomoda, mas o desconforto maior será sentido somente por aqueles que trilham sempre os mesmos caminhos e buscam o lugar comum.

A educação é uma experiência humana. É vida. E se a vida é movimento, é também surpresa e dúvida, porque enquanto estivermos duvidando, estaremos pensando e nos arriscando a construir um novo jeito de ver, uma nova maneira de aprender a olhar e aprender a ensinar. A mente é uma só. Todos nós temos imaginação. E a criatividade pode ser cultivada em muitas direções. Assim, se nossa opção for pela educação do ser integral é necessário fortalecermos o espaço de criação e trocas, pois é nele que convivem o exercício do pensamento, da dúvida e da crítica.

Sabemos que a criatividade se desenvolve a partir da percepção de mundo, ou seja, da atenção, da observação e da organização dos dados que nos rodeiam e que a imaginação é a força de que o processo criativo necessita para viver. Cabe, então, ao professor encorajar o aluno a se expressar, pois é na arte que se encontram conjugadas, e em equilíbrio, as faculdades humanas (sensibilidade-imaginação e razão), confirmando a existência da relação entre criatividade e a vida.

Uma escola sensível à diversidade é um espaço democrático para o exercício da imaginação e da abstração. Podemos dizer que nesta escola democrática, a sala de

aula passa a ser o espaço de interação de sujeitos com histórias diferentes, em contato com a arte e com práticas culturais. Uma proposta pedagógica nessa direção fundamenta-se na formação de indivíduos criativos que saibam questionar e problematizar.

Segundo Rodari (1982, p.139) a função criativa da imaginação pertence ao homem comum, ao cientista, ao técnico. O autor enfatiza que essa função é essencial para descobertas científicas bem como para o nascimento da obra de arte, sendo condição necessária na vida cotidiana. Mas, para ser criativo, é preciso ter liberdade e saber usá-la.

Para Martins (1998, p.54), na linguagem da arte há criação, construção, invenção e, através dela, o ser humano forma, transforma o que recolhe do mundo, da natureza e da cultura em algo significativo. Assim, é fundamental oportunizarmos aos alunos o contato com a literatura, a poesia, a música, e o teatro para o estímulo à imaginação, pois dedicando mais tempo para o exercício e à fruição da arte dentro das escolas poderemos subverter a regra, oferecendo condições para nosso aluno alcançar um mundo mais humano e com mais significado. E, no momento em que conseguimos fazer a mediação entre o que eles já conhecem e o que podem conhecer, estamos dando mais sentido para nossas práticas pedagógicas. Afinal, todos nós, professores, somos responsáveis pela educação estética dos nossos alunos.

Aprendendo a descobrir pelos olhos da criatividade

“ (...) Aonde vamos? À Terra do Nunca”, ou a um “país tão longínquo que para chegar lá é necessário dar mais de mil voltas em torno da Terra”, ou a “um distante país do Oriente”, ou a um “país que outrora existiu entre o sertão e o mar”. Lugar indefinido, tão longe daqui, mas tão perto de nós. Diriam os místicos: o país do próprio coração, lugar onde a criação pode se dar e os desejos mais íntimos se realizam (...)

Gislaine Avelar de Matos e Inoo Sorsy

Minhas experiências como professora e contadora de histórias me ajudam a inventar em mim algo novo como escritora. Quando criança escrevia histórias na minha cabeça, inventava personagens que brincavam com outros personagens das histórias que lia ou das histórias que me contavam. Criava diálogos com animais, seres imaginários e extra-terrestres que faziam parte do enredo de minhas histórias de cabeça: *Sei uma história. Só que é de cabeça. Querem escutar?*- perguntava para as outras crianças. Outras vezes estava metida em alguma apresentação de teatro, participando da bandinha da escola ou cantando no clube. Era uma inventadora de moda, como dizia minha mãe. Demorou um pouco, mas um dia entendi que meu jeito de fazer arte tinha a ver com a palavra. Contando histórias consigo resgatar elos com minha natureza poética e com minha contadora ancestral. Preciso contar para continuar escrevendo, porque eu sou uma história e se sou uma história consigo narrar a mim mesma e as outras histórias. Na escola, encontrei poucos professores que incentivavam a leitura, mas tenho o nome gravado na memória daquela que fez a diferença: professora Diná. Foi uma grande incentivadora do ler e do escrever. Na quinta série, descobri “O pequeno príncipe” e nunca mais deixei de pensar no quanto seria maravilhoso conhecer um baobá. Mais tarde, na casa da Jóia (que era minha vizinha) vi a maravilha que eram os livros de coleções. Tinha a do Monteiro Lobato e a Antologia de Literatura Infantil, principalmente o livro de poesias selecionadas que tinha textos do Casimiro de Abreu, Manuel Bandeira e Henriqueta Lisboa. E foi neste mesmo livro que li alguns textos de Maria Clara Machado, Carlos Drummond de Andrade e Mario Quintana. Mais tarde, me encantei com a magia e a poesia contida na história do “Menino do dedo verde”, de Maurice Druon e as incríveis façanhas matemáticas de Beremiz Samir, personagem de Malba Tahan no livro “O homem que calculava”. E chorei, quando li “O palácio japonês” e “Meu pé de laranja lima”, de José Mauro de Vasconcelos. Mas o nó na garganta apareceu, quando reconheci a dor do amor impossível na comovente história de amor “ É tarde para saber”, de Josué Guimarães.

Minha geração teve o privilégio de poder inventar seus brinquedos, fazer fogueira, ouvir histórias perto do fogão a lenha, enfim, havia muito espaço para o exercício da imaginação.

Antes de freqüentar a escola, tive a oportunidade de ter contato com o cinema, com o teatro e com a música. Muitas leituras que marcaram a minha infância e juventude foram aquelas indicadas por pessoas muito próximas e muito queridas. Por isso, costumo dizer que existe uma relação de afeto que me aproximou dos livros e da leitura. Portanto, vivi a experiência de aprender a aprender.

Vivemos em uma época agitada e somos bombardeados pela mídia que, via de regra, nos condiciona a consumir mais para conquistarmos uma felicidade ilusória, para ingerir o que está pronto, para a supervalorização da imagem, para não questionar. Nossas crianças e adolescentes são levados a lidar com uma multiplicidade de meios eletrônicos que são substituídos com uma velocidade vertiginosa. Temos pressa, não temos tempo. Temos medo de tudo e dificuldades para olhar para nós mesmos e para o outro.

O enfraquecimento da percepção do global conduz ao enfraquecimento da responsabilidade, isto é, cada um passa a ser responsável apenas por sua tarefa especializada, assim como conduz ao enfraquecimento da solidariedade, quando não se consegue manter vínculos com os outros. A experiência de ouvir histórias diz respeito à universalidade do ser humano e, ao mesmo tempo, à existência pessoal como parte dessa universalidade. Portanto, quando ouvimos histórias temos a oportunidade de viver uma experiência única. Segundo aponta Machado (2004, p. 23):

“À medida que ouvimos a história, somos transportados para “lá”, esse local desconhecido que se torna imediatamente familiar. A história só existe quando é contada ou lida e se atualiza para cada ouvinte ou cada leitor. Era uma vez quer dizer que a singularidade do momento da narração unifica o passado mítico - fora do tempo - com o presente único no tempo - daquela pessoa que a escuta e a presentifica. É a história dessa pessoa que se conta para ela por meio do relato universal”.

Ao contar, doamos o nosso afeto, a nossa experiência de vida, abrimos o peito e compactuamos com o que o conto quer dizer. Por isso, torna-se fundamental que haja uma identificação entre o narrador e conto narrado. Antes de sensibilizar o ouvinte, o conto precisa sensibilizar o contador, pois o modo como enxergamos o conto será a mesma maneira com que o outro irá vê-lo.

Educação é vida. E, se nossa opção for pela vida, pela permanência do que melhor possuímos, pela essência das coisas, estamos assegurando o fortalecimento de uma educação transformadora pelo olhar da criatividade

O professor que levar seu aluno a apreciar e admirar a natureza que o rodeia, levá-lo a fazer a leitura do mundo de modo a perceber que as tonalidades do céu são diferentes ao amanhecer e ao anoitecer, que existem inúmeros sons na natureza e várias cores que pintam a paisagem depois da chuva ou do sol e escutá-lo sobre a leitura que fez, estará contribuindo para que ele, mais tarde, sinta prazer ao ler um poema, apreciar uma obra de arte. Além disso, poderá fazer uma leitura mais profunda da realidade em que vive, aprimorando sua percepção e sensibilidade para desenvolver atitudes de respeito à natureza e ao ser humano.

Ampliar a percepção para a compreensão do mundo através da arte é um caminho possível para que, alunos e professores, aprendam e descubram a necessidade/importância de aprender a aprender e possam vivenciar a autoconfiança, a liberdade e o prazer.

Heloisa Carla Coin Bacichette é professora Licenciada em Letras e Especialista em Educação do Movimento pela Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil. Trabalhou em diversos programas de incentivo à leitura e em equipes de coordenação da Feira do Livro de Caxias do Sul. É escritora e contadora de histórias. Atualmente é contadora de histórias no projeto “Tapetinho Mágico”, na Biblioteca Pública Municipal Dr. Demetrio Niederauer..

Bibliografia:

ANGHINONI, Sara Joana. **Práticas pedagógicas na educação infantil e a visualidade contemporânea.** Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2006.

BUSATTO, Cléo. **Cantar e encantar: pequenos segredos da narrativa.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

CARRIÈRE, Jean-Claude. **O círculo dos mentirosos: contos filosóficos do mundo inteiro.** São Paulo: Códex, 2004, 2ª ed

JOSÉ, Elias. **Literatura infantil: ler contar e encantar crianças.** Porto Alegre: Mediação, 2007.

MACHADO, Regina. **Acordais: fundamentos teóricos-poéticos da arte de contar histórias.** São Paulo: DCL, 2004.

MARTINS, Mirian Celeste, PICOSQUE, Gisa, GUERRA, Maria Terezinha. **Didática do ensino da arte: poetizar, fruir e conhecer arte.** São Paulo: FTD, 1998.

MATOS, Gislayne Avelar & SORSY, Inno. **O ofício do contador de histórias.** São Paulo: Martins Fontes, 2007.

RODARI, Gianni. *Gramática da Fantasia.* São Paulo: Summus, 1982.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura e realidade brasileira.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

SCHOR, Ira & FREIRE, Paulo. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.